



JUDITH TEIXEIRA, ANTI-SAUDOSISTA

JUDITH TEIXEIRA – CRITIC OF SAUDOSISMO

António Fernando CASCAIS¹

Resumo: O inédito projeto de conferência *Da saudade* antecede a conferência *De mim*, efetivamente proferida e publicada por Judith Teixeira. Nele, a autora visa não tanto a saudade enquanto afeição individual, mas sobretudo o saudosismo enquanto corrente de pensamento que considera a saudade o traço essencial e singular da identidade nacional portuguesa. A denúncia e recusa judithiana da saudade faz-se em nome do espírito modernista tecnofílico a cuja luz a mudança social e cultural é dinamicamente propulsionada pelo avanço tecnocientífico de que tiram inteiro partido as práticas experimentais das vanguardas artísticas nas quais Judith Teixeira se integra. A saudade é um sentimento doentio que paralisa a fruição plena das possibilidades que a vida oferece e, por isso, nada interessa à arte moderna tecnicamente mediada. Ambas as conferências assumem a forma de manifestos e tudo indica que aquilo que mais as diferencia é o facto de a primeira anteceder os violentos ataques de que a obra judithiana foi objeto no decurso do escândalo da “literatura de Sodoma”, enquanto a segunda constitui um desenvolvimento e uma revisão radical da primeira com o propósito de se defender dos seus detratores e inimigos.

Palavras-chave: Judith Teixeira; saudade; saudosismo; Da saudade; De mim.

Abstract: The long unpublished project of the conference *About saudade* anticipates the *About me* conference, actually given and published by Judith Teixeira. In it, she targets not only saudade as an individual affect, but the saudosismo as a trend that holds that saudade stands for the essential and singular trait of Portuguese national identity. Judith’s disavowal and refusal of saudade is carried out in the name of the modernist technophilliac spirit

¹ Professor Auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.



according to which the social and cultural change is dynamically fuelled by technoscientific breakthroughs of which take all the advantage the experimental practices of the artistic avantgarde joined by Judith Teixeira. The sickening feeling of saudade is one that paralyses the full fruition of the possibilities that life provides and, therefore, is of no interest to technologically mediated modern art. Both conferences take the form of manifestos and everything points to the fact that what most differentiates them is the fact that the former predates the violent attacks on Judith's work during the "literature of Sodom" scandal, while the latter stands for an expansion and a radical revision of the first conference, purporting to mount a defence against her detractors and enemies.

Keywords: Judith Teixeira; saudade; saudosismo; About saudade; About me.

A conferência *Da saudade* é, até hoje, o menos estudado de todos os textos de Judith Teixeira, mas o facto não se explica pela sua irrelevância. Não se contando decerto como um dos seus mais importantes, entre poesia e prosa, o significado dele está longe de poder ser menosprezado, nomeadamente no que toca ao posicionamento da autora no seio do movimento modernista português. Inédito até à sua inclusão no volume de *Poesia e Prosa* organizado em 2015 por Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva (ALONSO e SILVA, 2015), ele antecede, com toda a verosimilhança, a édita e mais completa conferência *De mim*, dada à estampa em 1926, republicada por estes investigadores no mesmo volume, mas já anteriormente recuperada na antologia *Poemas* (TEIXEIRA, 1996, p. 203-224) organizada em 1996 por Maria Jorge e Luis Manuel Gaspar. Fabio Mario da Silva calcula a data da redacção inicial deste projeto de conferência nos anos de 1922 a 1925, fundado no facto de ele ter sido encontrado dentro do caderno intitulado "Versos", que ostenta a data de 1922 e contém poemas publicados em 1923, no facto de esta poder ser uma das "Conferências de Arte" projetadas para publicação no livro *Castelo de Sombras*, de 1923, e ainda pelo facto de tudo indicar que ela preparava a obra de maior fôlego que é *De mim* (SILVA, 2015a, p. 253-254; SILVA, 2017, p. 210), pois "aparenta ser o embrião das futuras ideias expostas em *De mim*" (SILVA, 2015b, p. 271) e "a primeira etapa da teorização dessas ideias" (SILVA, 2017, p. 210). Elaborando um pouco mais, adiantaríamos duas coisas a este último argumento. Primeiro, que há ideias muito concretas em *Da saudade* que são retomadas na conferência *De mim*, chegando ao ponto de se encontrarem algumas paráfrases intertextuais entre os dois textos, sendo que o que é dito na primeira surge aprofundado e desenvolvido na segunda,



apontando claramente para a anterioridade daquela relativamente a esta, como adiante exemplificaremos. Segundo, Fabio Mario Silva informa-nos que, das duas existentes, a versão de *Da saudade* que foi retida em *Poesia e Prosa* é a que os organizadores consideram a definitiva, por mais elaborada, visto nela figurarem mais emendas e correções, inclusivamente manuscritas no próprio documento final datilografado que já revia uma versão inicial. Significa isto que Judith Teixeira dedicou ao seu projeto de conferência uma reiterada atenção, podendo concluir-se que se tratava de uma aposta mantida e sucessivamente renovada, ao ponto de se poder inclusivamente deduzir que a não publicada *Da saudade* constitui uma espécie de pré-projeto da publicada conferência *De mim*, radicalmente alterada esta, com tudo o que teria ficado por ser abordado e desenvolvido naquela. Mas não só o que, muito simplesmente, teria ficado por ser abordado, e sim o que o não poderia ter sido. E aqui a *décalage* temporal entre uma e outra adquire um outro sentido: se *Da saudade* constitui a expressão de uma duradoura vontade doutrinária, de respaldar de algum modo a sua poesia, e tão-só esta, com uma poética própria, *De mim*, que é posterior à perseguição de que Judith Teixeira foi alvo, juntamente com António Botto, Raul Leal e Fernando Pessoa, e à apreensão de *Decadência*, em 1923, é um texto *à son corps défendant* que contra-ataca com um argumentário no qual o que está em causa já não é “somente” a obra, mas a sua pessoa enquanto poeta, cidadã e mulher, como o prova o subtítulo “em que se explicam as minhas razões... sobre a vida, sobre a estética, sobre a moral”.

O título *Da saudade* exprime um tema, o simples título *De mim* exprime uma identidade, a sua, acentuando de forma exponencial o carácter desta conferência relativamente à anterior. Tudo na primeira indica que a autora ainda não se confrontava com a campanha contra a “literatura de Sodoma”, tudo na segunda demonstra que já o tinha sido e, se algo esse episódio vem provar, sobretudo no caso de Judith Teixeira, bem mais do que em Pessoa, Leal e Botto, é do que ela é capaz. A comparação entre os dois textos permite dar conta do que seriam as questões de fundo perenes no seu espírito e a forma como depois os reelaborou em reação aos ataques à sua pessoa, mas, bem assim, dos pontos comuns que, muito intuitivamente, Fabio Mario da Silva nota entre a lírica (*Decadência*, *Castelo de Sombras*, *Nua – Poemas de Bizâncio*, mais os inéditos), a narrativa novelística – as novelas *Satânia* e *Insaciada* – e os textos doutrinários – *Da saudade* e *De mim* – no que toca à constância de

dois operadores hermenêuticos: o discurso de uma mulher que sem amarras às convenções sociais pretende dar vazão à sua rejeição dos papéis sociais de género, reflectindo, através das suas protagonistas femininas (feministas), o



posicionamento da mulher portuguesa, bem como de uma artista consciente do papel que o futurismo e o modernismo podem trazer a Portugal, que ainda vive atrasado, devido a um insistente discurso no seu passado, sempre saudoso (SILVA, 2015b, p. 269).

Embora apresentadas como conferências, tanto *Da Saudade* como *De Mim* assumem o tom retórico e polémico que tipicamente se associa a manifestos em geral e a manifestos estético-artísticos em particular, como, de resto, os classificam Fabio Mario Silva e Cláudia Pazos Alonso (2015, p. 148). Da mesma opinião é Chris Gerry, tradutor inglês da obra judithiana, para quem ambos os manifestos judithianos patenteiam um estilo híbrido, meio ensaístico (com uma argumentação corrida, invocando a sagacidade de outros autores, artistas e personalidades mais célebres que ela), meio declaração de princípios estético-artísticos intercalados com asseverações curtas e duras dirigidas ao conservadorismo cultural e aos seus líderes. No entanto, a autora combina estes ingredientes, ora persuasivos, ora prosélitos, de uma maneira relativamente distinta num e noutra texto:

Por um lado, *Da Saudade* está formatado numa série de apontamentos aparentemente para servir como *aide mémoire* de uma conferência pública, um manifesto a ser lido numa reunião de simpatizantes ou, eventualmente, o preâmbulo de uma publicação futura para justificar o conteúdo desinibido da sua poesia. Em contraposição, *De Mim* inclina-se mais para o modelo “manifestolar”, adotando um discurso ainda mais polémico perante as normas estéticas hegemónicas da época, entrecortando esses ataques com o texto integral dos poemas da sua própria autoria (...) Porém, nem um nem outro destes textos corresponde ao estereotipado dos manifestos monográficos ou dos contramanifestos de teor truculentamente crítico (GERRY, 2017, p. 149-150).

Ainda segundo Gerry, tanto os manifestos como a obra narrativa apresentam uma espécie de dupla face de Jano, virada simultaneamente para o passado e para o futuro, mas, comparativamente com a novelística:

Nos manifestos, Judith Teixeira emprega um estilo ensaístico mais conservador e uma combinação de retórica ornamentada e candura contemporânea para alcançar os seus objetivos iconoclastas – a justificação da sua estética e a rejeição dos efeitos culturalmente corrosivos da noção de saudade (GERRY, 2017, p. 161-162).

A saudade e o saudosismo desaparecem de *De mim*, porque precisamente não é já com eles que intelectualmente se tem de bater Judith, mas com um ataque em forma que é incomparavelmente mais atentatório da sua pessoa – e não só intelectualmente – do que aquilo que por ela era visado em *Da saudade*:



Previsivelmente, talvez, o manifesto *Da saudade*, também de cariz ensaístico, adota um formato mais ortodoxo. Judith Teixeira não cita poesia e recorre apenas três vezes a escritores célebres – não com o intuito de fundamentar, nesta ocasião, o seu próprio discurso, mas para apontar a contribuição que deram, direta ou indiretamente, a “esta sombra aliciante e opienta” de saudade. (GERRY, 2017, p. 151-152)

Tom e conteúdo são abruptamente lançados em rosto à putativa audiência logo na primeira frase: “Venho falar-lhes da Saudade, desse mal, espásmico e doloroso, de que a nossa raça sentimental e sonhadora adoece tanta vez” (TEIXEIRA, 2015, p. 259). Como afeição – se quisermos utilizar a terminologia que hoje nos é familiar – a saudade é um mal em si mesmo e, para a sua caracterização enquanto tal, a autora irá recorrer ao longo de todo o texto à metáfora da patologia, que expande à “nossa raça sentimental e sonhadora”, conferindo por isso às suas dimensões epidémicas o estatuto de um traço cultural de que verdadeiramente enferma um povo inteiro. É óbvia a influência da terminologia – e do respetivo mundo de sentido – da psiquiatria e da criminologia de Bénédict Morel e de Cesare Lombroso, e depois Max Nordau, introduzidas em Portugal por figuras tão proeminentes como Miguel Bombarda, Júlio de Matos, Augusto Mendes Correia e Sobral Cid, entre outros menores, cujo higienismo bioantropológico e médico-forense provindo do século XIX a República instaurada em 1910 alça ao poder. Amplificou-se e vulgarizou-se então uma linguagem científica que se foi expandindo à cultura e à literatura portuguesa na viragem do século XIX para XX, a começar pelo romance naturalista, de Eça de Queirós a Fialho de Almeida e Abel Botelho. A primeira geração poética a utilizá-la será precisamente a do Modernismo e reflete-se, nomeadamente, em todos os escritos de Pessoa sobre génio e loucura (PESSOA, 2006) e na maneira como ocasionalmente se compraz em amesquinhar Mário de Sá Carneiro e António Botto, com o mesmo argumento psicopatológico com que se refere a si mesmo em termos exculpativos e auto-elogiosos, mas sobretudo na forma como Pessoa explica a psicogénese (diz: “origem orgânica”) da sua própria obra (CASCAIS, 2013, p. 373-376), na célebre carta a Adolfo Casais Monteiro em que fala da sua histero-neurastenia (PESSOA, 2006, p. 459) e acrescentando que ela é própria dos génios (PESSOA, 2006, p. 151). Incomparavelmente menos elaborada que ele, Judith Teixeira nem por isso deixa de proceder à sua auto-interpretação de maneira idêntica à pessoana, ambos com o comum intuito de estabelecerem alguma espécie de relação causal entre génio e loucura, anormalidade e criação artística, ambos porfiando por fazer um uso performativo – voltando-o contra si próprio – do “discurso em retorno”, descrito por Michel Foucault, sem



aparentemente se darem cabalmente conta do ponto que neste plano têm em comum com a argumentação dos detratores das suas obras poéticas, percebidas e denegridas como arte de degenerados – “superiores”, para recorrer à categoria consagrada que os distingue dos loucos com compromisso cognitivo e desinserção social. Nada tem pois de acaso que os clínicos da época se referissem à “literatura de Sodoma” e, genericamente, à arte de vanguarda, como “arte de manicómio”, e que a sua imensa repercussão cultural se devesse ao facto de escritores e artistas valorizarem extraordinariamente aquilo que acreditavam ser as propriedades hermenêuticas da ciência do tempo, não só quanto aos fenómenos do psiquismo em geral como quanto à criatividade artística enquanto campo específico daquele. É assim que surpreendemos Judith a confessar

que nesta sede de luz que por vezes deixo transparecer nas minhas afirmações, e ainda, nos meus versos, na ânsia de cor, na embriaguez do som, no labirinto e na estridência forte em que os envolvo, sou apenas uma alma cheia de atavismos mórbidos a querer libertar-se. (TEIXEIRA, 2015a, p. 261)

Evidentemente que “atavismos mórbidos” tem de ser aqui entendido pelo seu uso metafórico, já que literalmente, na terminologia degeneracionista original, ele se referia à regressão simiesca atribuída às categorias de desviantes e anormais que engrossavam os contingentes dos institutos de medicina legal, dos hospitais psiquiátricos, das prisões e colónias de trabalho um pouco por todo o mundo ocidental e em Portugal também. A autora tenta virá-lo contra ele próprio, aplicando-o ao sentimento que as correntes de pensamento saudosista elevavam a expoente da portugalidade e força de relançamento da identidade nacional ameaçada pela modernidade. Mais, Judith Teixeira tenta ressignificar a mesmíssima linguagem patologizadora com que o higienismo republicano se abalançava à limpeza das maleitas e achaques ancestrais, em que se incluía o enquadramento médico-legal da homossexualidade e dos homossexuais como ela, mas que ela infletia no sentido da sua modernidade alternativa ao projeto de modernização higienista. Por detrás da saudade execrada pela autora, o que se perfila é o saudosismo que se apresentava como contrapartida cultural do higienismo republicano, cuja síntese viria efetivamente a ser empreendida pelo futuro Estado Novo, ainda que só em parte, pois seria filtrada pelo catolicismo, lá onde a Primeira República tinha sido violentamente anti-religiosa. Por outras palavras, Judith Teixeira avança com um projeto de modernidade libertária e culturalista que tanto é alternativa ao moralismo científico e positivista da modernização republicana como à contra-modernidade tradicionalista que via na saudade o expoente da restauração da identidade



nacional e que em parte foi capturada pelo fascismo nacional em ascensão. O esforço de ressignificação da linguagem a que ela se lança deve ser enquadrado desta maneira, mas, como deverá ser imediatamente evidente, foi um passo em falso que laborou contra as suas próprias intenções. Daí a tensão e a ambiguidade intrínseca que lhe tolhem o alcance e o tornam irre recuperável para os nossos dias. Algo de que prestamente deu conta Chris Gerry, que sentiu que

O conteúdo das novelas e dos manifestos tinham valor e interesse intrínsecos como contributo à nossa compreensão do desenvolvimento do modernismo português em geral e, mais particularmente, como fonte de novas pistas relativamente às origens e ao impacto cultural do futurismo – movimento estético simultaneamente anticonservador e elitista, caracterizado por uma profunda ambiguidade estratégica devido à sua fetichização da velocidade, virilidade e violência que, paradoxalmente, contribuiu para a acumulação do capital simbólico por parte de um populismo europeu nascente que, por sua vez, se manifestou, por último, no fascismo. (GERRY, 2017, p. 161-162)

Vincadamente desigualitaristas, elitistas e antipopulistas, os modernismos europeus, nos quais o modernismo e o futurismo português de filiavam, traduziram-se em contrapartidas políticas diversificadas (na Rússia, a adesão à revolução proletária), dividindo-se entre as posturas decididamente democráticas antifascistas (em parte em França e na Alemanha, mas com gritantes exceções), sobretudo nos países em que as suas figuras de proa eram perseguidas e compelidas ao exílio (caso de Espanha), e a adesão aos regimes autoritários, caso exemplar de Itália e de figuras como Fillipo Marinetti, de enorme influência no modernismo luso, e assim em Judith Teixeira e Almada Negreiros. Seu principal divulgador em Portugal, Almada virá a distanciar-se do italiano em virtude da sua deplorada viragem mussoliniana, Almada que, no entanto, prosseguiria uma longa e gloriosa carreira como artista semi-oficial do Estado Novo. De resto, tratava-se do género de vanguarda protegida e apoiada pelo setor cultural mais esclarecido e culto do regime, representado por António Ferro, que, a este propósito, admirava a francesa Colette, que foi entrevistar a Paris e de quem dizia que seria “impossível” em Portugal, exatamente como ele próprio não foi capaz de reconhecer Judith Teixeira – *mutatis mutandi* e salvaguardando as devidas proporções, como émula nacional da francesa.

Aproximável de Raul Leal, no que toca à truculência e ousadia das respetivas tomadas de posição (*Sodoma divinizada* e *De mim*), mas, ao passo que ele acaba a subscrever devotadamente o projeto colonial português a cujo estertor ainda teve tempo de assistir, *et*



pour cause, ao mesmo tempo que dirigia a Salazar missivas com propostas reformadoras do regime, de Judith ficámos desde cedo sem nada saber. Para além, claro, do seu deslumbramento por “tudo onde exista um poder viril de vida e de realização” (TEIXEIRA, 2015a, p. 261), entendendo-se que o seu feminismo demarcadamente antifeminista não estaria com este género de afirmação tão propriamente encantado com a corporalidade máscula como com a *virtus* fálica que tanto se pode encontrar na realização técnica e estética como no poder político. Pior seria quando convergem. Mas, sob a real metáfora da virilidade, o que se sente é um odor ao culto da *vontade* – da vontade de poder – tão caro aos fascismos, é certo, mas de que Judith nunca chega a fazer profissão de fé. Nisto, por outro lado, tem ela algo em comum com Pessoa, ela pelo silêncio, ele pela morte, que para sempre ficámos sem saber como e para que lado se resolveria a pessoana contradição entre o fascínio erotizado pelo sidonismo e a enojada repulsa pelo salazarismo. Por outro lado ainda, se Pessoa desenvolve um programa mito-poético de “saudade do futuro” por um Quinto Império-por- vir que é diametralmente oposto ao saudosismo passadista teorizado por Teixeira de Pascoais e por este introduzido no movimento da Renascença Portuguesa, Judith Teixeira mostra-se aguerridamente antinacionalista, lá onde Pascoais constituía um seu expoente. Com efeito, o alvo não nomeado por ela é o saudosismo que transforma a saudade em traço identitário nacional, lá onde a tradição poética portuguesa nunca a alçou, não deixando com isso de a cultivar enquanto experiência vivida. Não obstante, e pelo menos inicialmente no seu texto, a autora tem enorme dificuldade em distinguir entre a saudade como afeção individual e traço cultural coletivo que afeta todo um povo:

A Saudade é um sensualismo degenerado em melancolia e traduzido em atitudes lânguidas.

A ciência, hoje, também lhe chama neurastenia e receia a estes doentes especiais vibrações de luz, banhos de sol, labirintos de cor e mergulhos em Paris.

A Saudade é, pois uma manifestação doentia, e eu encontro tantos motivos para negá-la como estado interessante de beleza. (TEIXEIRA, 2015a, p. 261)

“Sensualismo”, “melancolia”, “atitudes lânguidas” e “neurastenia” caracterizam traços psicológicos e, logo, estritamente individuais, pelo que, expandi-los ao comportamento coletivo de um povo inteiro só contribui para tornar patentes as drásticas limitações heurísticas do raciocínio que recorre a este tipo de grelha analítica. Curiosamente, e uma vez mais, a languidez sensual constituía um topos clássico, não só da caracterização psicológica misógina e homofóbica das mulheres e dos homossexuais, ambos completamente dominados



pelos seus instintos e incapazes de auto-controle e de domínio das paixões, como da retórica moralista e científica republicana que propugnava a regeneração nacional contra a indigência e a mendicidade, a promiscuidade, a indisciplina e a falta de hábitos laboriosos, a iliteracia, o alcoolismo, a incúria e o desleixo, enfim, os comportamentos desviantes e criminosos que incapacitavam o povo português do virar dos séculos XIX para XX de estar à altura da gesta heróica, viril, guerreira e impoluta dos Descobrimentos. Tratava-se, para os reformadores republicanos, de tornar apta a nação para cumprir o projeto imperial de colonização intensiva que impunha a competição entre potências coloniais em que Portugal, desde a Conferência de Berlim de 1884-1885, figurava como parceiro túbio, emasculado, efeminadamente pusilânime, isto é, como vencido da história, cujo “gosto amargo de infelizes” garrettiano que Judith Teixeira cita explicitamente, o qual só podia encaminhar para uma jornada triste através do passado: “A Saudade é a nostalgia das almas dolentes e vencidas. É dissolvente e paralisadora – e, finalmente, é um mal” (TEIXEIRA, 2015a, p. 259). No entanto, lá onde o republicanismo assumia uma feição nacionalista de projeto imperial colonizador que o fascismo emergente só iria precipitar no mais provinciano isolacionismo internacional, Judith Teixeira contrapõe um cosmopolitismo, indubitavelmente elitista no acanhado Portugal de então, mas que só seria retomado com o regime democrático após 1974. Outra coisa não significa recomendar “mergulhos em Paris”.

Demarcando-se e defendendo-se da saudade enquanto afeição patológica, a autora reconhece, mesmo assim, tê-la usado na sua poesia – onde Fabio Mario da Silva encontra 26 ocorrências do termo (SILVA, 2017, p. 207) – mas será precisamente desta que, a seu ver, pode brotar a via de superação terapêutica: “é ainda na ânsia de me curar, de me banhar numa luz mais viva, de colorir a lividez que tão fundamente marca a herança romântica da minha raça” (TEIXEIRA, 2015a, p. 261). Poesia *pharmakon*, ela tanto é arma como armadilha, porém, na medida em que concentra, porque para ela converge, uma tradição inteira, com todos os envenenados produtos dessa herança:

A Saudade não é mais do que um mal atávico que, a nós poetas, nos vem desde os mais remotos líricos até Camões e depois tantos e tantos outros, e que, infelizmente, envolve ainda as mocidades de hoje, apesar da onda que passa de descarado modernismo, ou antes, exotismo. (TEIXEIRA, 2015a, p. 260)

Neste ponto, a terminologia tomada de empréstimo à ciência médica e bioantropológica transforma-se em metáfora histórica, o que não é uma alteração de somenos, pois é ao posicionar-se perante a herança histórica que Judith Teixeira se alça a um plano



propriamente político-ideológico – ainda que não explicitamente declarado como tal – e, através dele, desvenda plenamente a sua mundividência pessoal e deixa entrever o papel que nela atribui à sua poesia. Da recusa da saudade enquanto afeição malsã – “É preciso renegar este mal, esta doença, a que os poetas decadentes chamam Saudade” (TEIXEIRA, 2015a, p. 259) – Judith Teixeira parte para a sua denúncia enquanto tradição cultural poeticamente esteticizada, “sombra aliciante e opienta que os poetas têm cantado, num sentido de alta beleza” (TEIXEIRA, 2015a). E, com veemência: “Negó à Saudade esse sentido de beleza” (TEIXEIRA, 2015a, p. 259). Afastada a esteticização, Judith Teixeira prossegue para um plano em que o que está em causa é contrariar a possibilidade da validação filosófica da saudade, embora isso só se consiga inferir, e *a contrario*, do género de argumento que usa: “Não, não devemos aproveitar a Saudade como estado de beleza. Ela não pode interessar nem a vida moderna, nem a arte moderna” (TEIXEIRA, 2015a, p. 262). *A contrario*, com efeito, porque se ela diz que a saudade não pode interessar nem à vida, nem à arte moderna, é porque há mesmo quem a ela interessa, porque a valida como suma expressão identitária nacional e impulso regenerador da portugalidade. Trata-se da apologia doutrinária da saudade, o saudosismo enquanto corrente de pensamento, que Judith visa sem o nomear, para além da linhagem de tematização poética da saudade, a cujo respeito se mostra peremptória: “Os poetas da Saudade têm, por contágio, atado milhares de vidas em apatias nostálgicas” (TEIXEIRA, 2015a, p. 260). Com efeito, são duas coisas diferentes e a autora visa uma e outra indistintamente, não sem razão, de resto, pois a saudade enquanto tema recorrente na literatura portuguesa foi transformada em verdadeira linhagem pelo pensamento saudosista seu contemporâneo, nomeadamente por intermédio das mais proeminentes de Teixeira de Pascoais e de Leonardo Coimbra. Não é nada certo, sequer, que a saudade seja um tema perene, tratado nos mesmos termos e com os mesmos sentido e propósito desde os mais remotos líricos, passando por Camões, até António Nobre, Florbela Espanca e outros contemporâneos de Judith Teixeira – como ela erroneamente crê que “tão fundamente marca a herança romântica da minha raça” (TEIXEIRA, 2015a, p. 261) – e, para ser um mal atávico, teria pois de possuir uma ancestralidade que nada garante que alguma vez tivesse tido. Muito menos certo ainda é que a saudade constitua a essência espiritual inconfundível e intraduzível da raça portuguesa, como propõe Teixeira de Pascoais desde os anos que antecedem a Primeira Guerra Mundial. Expressa na poesia popular, na peculiar religiosidade do povo português e em toda a tradição poética nacional, ela estaria então a atravessar por um fase de renascimento, depois de se ter procurado com os Descobrimientos e se ter sebastianizado com



a decadência, constituindo a matéria-prima de uma nova religião lusíada com que Portugal se deveria lançar à conquista do futuro, garantindo a sua existência e a da própria nacionalidade, ao mesmo tempo que despertava as qualidades primordiais com que a raça daria novamente um contributo original à civilização europeia.

Estabelecido desse modo o critério superior e filosófico a que se deveria subordinar a obra social e política da República, Pascoais integrava com o seu saudosismo – uma verdadeira religião da saudade – o movimento da Renascença Portuguesa, impulsionado pelas figuras insígnies de Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Leonardo Coimbra, entre outros. Propondo-se dar conteúdo filosófico e doutrinário ao regime republicano, a Renascença Portuguesa fortaleceu-se com a participação na Primeira Guerra Mundial, reforçou o patrioteirismo militarista dela resultante e algum do seu ideário nacionalista e da sua mitologia histórica não deixou de impregnar o posterior movimento que levou ao 28 de Maio de 1926 e à instalação da ditadura fascista, mesmo se os vultos maiores da Renascença Portuguesa vieram posteriormente a integrar as fileiras da oposição ao futuro Estado Novo, como foi o caso exemplar de Jaime Cortesão. Perseguida pela hostes proto-fascistas aquando do episódio da “literatura de Sodoma”, Judith Teixeira distancia-se ostensivamente dos ideais e valores saudosistas tais como eram defendidos por Pascoais e acolhidos no seio da Renascença Portuguesa, com os quais *Da saudade* revela estar familiarizada e que já na época suscitaram uma feroz polémica por parte de António Sérgio. Soam-nos tão estranhas e delirantes hoje as elucubrações mitopoiéticas de Pascoais, como atuais as acusações de isolacionismo messiânico, de imobilismo ruralista regressivo, de passadismo anti-moderno e provincianismo anti-cosmopolita que lhe são dirigidas por Sérgio, para quem a modernização do país não se pode fazer com as fantasmagorias da sombra, do silêncio, da ausência, do medo, do nevoeiro, da vertigem, do ermo e do remoto com que se alimenta o profetismo esotérico e onírico de Pascoais, derradeira e transviada florescência do romantismo oitocentista. Por seu lado, é neste aspeto imediatamente óbvia a afinidade entre as críticas de Sérgio e de Teixeira – como facilmente notou Fabio Mario da Silva (SILVA, 2017, p. 210-211) – e nomeadamente quando ela deteta nesta verdadeira peste emocional portuguesa, “adoecer de saudades” (TEIXEIRA, 2015a, p. 259) – a causa e origem do fatalismo que rasura e releva tudo quanto é sentimentalidade doentia e dolorosa, à margem da vida farfante e vertiginosa da modernidade (TEIXEIRA, 2015a, p. 262) que a fazem afirmar que: “Criar estados de alma contemplativos é paralisar a vida” (TEIXEIRA, 2015a, p. 261). Como também notou Silva (2017, p. 211), tudo indica portanto que a autora tivesse perfeito



conhecimento da polémica que a este respeito opôs Pascoais e Sérgio, que teve considerável repercussão pública, envolvendo esses dois próceres da vida intelectual da época e na qual o que estava em causa era essencialmente o saudosismo enquanto corrente ideológica defensora de uma dada identidade nacional, muito mais do que a saudade enquanto afeição individualmente experienciada.

Neste passo, Judith Teixeira oferece, em sucintos pontos (não lhe exijamos a sofisticação intelectual de Fernando Pessoa ou sequer a informação cultural de Raul Leal), uma mundividência onde se amalgamam uma psicologia, uma ético-estética e uma conceção histórica. A forma demasiado sucinta e mesmo tópica como as apresenta só contribui para as confundir lá onde, é certo, elas se reclamam e implicam umas às outras de maneira coerente. A psicologia encontra-se na crítica radical da sensibilidade saudosa e da poesia portuguesa que a tematiza, a qual já se encontra na sua versão completa em *Da saudade* e, talvez por isso, só surja em *De mim* como algo de pressuposto e adquirido, não sendo preciso à autora repisá-lo nesta última. A ético-estética consiste na profissão de fé modernista, ainda largamente implícita em *Da saudade*, visto que a denúncia e recusa do saudosismo enquanto corrente de pensamento, ele próprio não explicitado claramente, não recorre ainda à fundamentação filosófica que só será plenamente invocada em *De mim*, sobretudo com recurso ao manifesto sobre a luxúria de Valentine de Saint-Point. Finalmente, a visão histórica, que equaciona a mudança social com a modernização tecnológica e as vanguardas artísticas, já tem as bases plenamente estabelecidas em *Da saudade* e a posterior conferência é dita ergue-se sobre elas sem dificuldade. A maneira como Judith Teixeira concebe a mudança social é relativamente linear, dinamicamente propulsãoada, porém, por avanços tecnológicos – que ela admira – com que se articulam, por sua vez, as práticas experimentais das vanguardas artísticas – nas quais ela se integra – tudo convergindo para propiciar mudanças culturais gerais – com as quais ela se identifica. Eis o eixo que mobiliza a postura antisaudosista judithiana:

neste século em que a rádio telefonia nos pode trazer de países distantes a voz do amante ou do irmão, e os aviões nos levam a percorrer o mundo em poucas horas, a Saudade não deve existir na sua forma doentia e nostálgica. Ela deverá traduzir-se apenas no desejo forte de realizar novos momentos de prazer e de alegria! (TEIXEIRA, 2015a, p. 263)

E é este o programa que terá a sua plena explicitação em *De mim*: “não pode haver condições limitadas para a nossa vida de Arte neste século que é sobretudo da epopeia da Febre e das Velocidades!” (TEIXEIRA, 2015b, p. 291). A tecnofilia judithiana, enquanto



abertura poiética de possíveis, será um dos traços das vanguardas artísticas que entre nós encontra nos futuristas os seus cultores e que tem o seu expoente em Álvaro de Campos e na glorificação da “Grande Máquina” (TEIXEIRA, 2015b, p. 295) a sua metáfora estruturante privilegiada. Justamente aquilo de que Judith Teixeira se faz eco quando opõe a apologia da claridade, da atividade e da construção própria da arte moderna para proclamar: “Rasgaram-se outros caminhos numa ânsia forte e justa de movimento, de realização, de liberdade, em rajadas vertiginosas!” (TEIXEIRA, 2015a, p. 262). A avaliação eufórica da tecnociência moderna, que chega aos modernistas portugueses sobretudo via Marinetti, vai no sentido oposto às avaliações negativas, antimodernas, anticosmopolitas e antitécnicas que se desenvolveram no contexto europeu, e, sobretudo, germânico desde a tematização da decadência ocidental de modelo spengleriano e integrou o núcleo central da controvérsia entre Civilização (*Zivilization*, no sentido alemão, como progresso técnico, económico e material em geral) e Cultura (*Kultur*, no sentido alemão, como sublimação cultural, filosófica, artística). Em Portugal, uma manifestação tardia deste tipo de oposição foi precisamente o confronto entre o “culturalista” Pascoais e o “civilizacionista” Sérgio, e é fácil perceber para que lado cai Judith Teixeira, tecnófila, cosmopolita e energeticamente exploradora dos possíveis abertos pela técnica, e acima de tudo a possibilitação de modos de vida, de identidades e de experimentações tecnicamente mediadas, de uma maneira que os movimentos sociais pós-década de 1960 haveriam de reativar, relançando, de algum modo, as utopias vanguardistas (sociais, culturais, estéticas, ético-políticas) dos “loucos anos vinte” em que viveu Judith. *Forever young*: “É necessário viver a vida e cantá-la em toda a sua expressão de atividade e movimento – ser moço! Ser alegre!” (TEIXEIRA, 2015a, p. 260). A transformação das formas da experiência e a persecução, tecnicamente mediada, de novas e inéditas, eis o que ela tem a opor à sensibilidade saudosa que o saudosismo *à la* Pascoais acredita ser condição perene e imutável da “arte de ser português”: “A vida, hoje, tem largos horizontes de beleza, lances mais vivos de tragédia, sombras mais densas de dor” (TEIXEIRA, 2015a, p. 262) do que aqueles que davam substância à saudade. Não obstante, se a postura judithiana quanto às virtualidades da técnica moderna se encontra no pólo oposto ao do pessimismo antitecnológico finissecular que se acentua e reformula filosoficamente no pós-Primeira Guerra Mundial, ela aproveita, dando-lhe um sentido positivo – a do imenso potencial de criatividade – aquilo mesmo que as correntes antitecnociência mais deploravam como perigo supremo contra a cultura e a humanidade, a saber, a capacidade técnica de



mobilização e disponibilização de energias, tanto as industriais, como as criativas, como as afetivas e libidinais. Ao contrário da decadência da cultura e da ameaça à humanidade do homem, o pensamento judithiano abraça a promessa de sobre-humanidade que a técnica moderna introduz no mundo da vida.

Estruturada por pares de valores opostos tais como doença/saúde, velhice/juventude, decadência/novidade, apatia/realização, obscuridade/luz e saudade/alegria, a utopia tecno-estética de judithiana exprime a plena autonomização da esfera do estético-expressivo que se reflete na perseguição autofundante e autotélica da “*ars gratia artis*”. O esteticismo consubstancia a atitude que representa o valor intrínseco de uma arte que resolutamente prescindir de todo o critério extra-estético para avaliar as suas próprias produções. Enfim, o esteta pode assim surgir como o cultor do único modo de vida que pratica até às últimas consequências o alheamento programático dos constrangimentos morais e sociais, quer estes invoquem um fundamento natural, quer um imperativo cultural, suscetíveis de tolher a criatividade do humano como processo permanente e imparável de superação de si próprio. Indicador de civilização, ele possibilita a emergência, por um lado, da arte como forma de vida que deixa de estar reduzida a ilustrar verdades exteriores a ela, e, por outro, da figura do artista emancipado dos constrangimentos morais, livre para pautar a sua conduta por critérios estéticos e perseguir formas de vida indispensáveis a uma arte votada à exploração e experimentação de possíveis, tão estéticos quanto cognitivos e biográficos:

A arte moderna é toda amanhã e ânsia de futuro – e como vêm, não digo presente, porque alguém mais avisado do que eu já disse que o presente não existe.

Há só passado e futuro. E assim é. Acabada de sair da minha boca, a palavra, ela fica imediatamente no passado.

Nenhuma ação foge a esta verdade. Toda a atuação, mal se define, é logo do passado. (TEIXEIRA, 2015a, p. 261)

Mesmo assim, neste preciso ponto, adivinha-se uma certa contradição no pensamento da autora, e soa a oco o seu esforço de negação do real presentismo que antes tinha afirmado: “A vida é o dia de hoje, o dia de amanhã!” (TEIXEIRA, 2015a, p. 259). Com efeito, a apologia judithiana do *carpe diem* inverte expressamente a conceção augustiniana do tempo, que, de resto, ela nunca cita e nada obriga a citar (mas que será expressamente retomada pelo nosso contemporâneo Joaquim Pinto no seu filme *E agora? Lembra-me?*), segundo a qual a imponderabilidade radical do ápice presente se dissolve tão instantaneamente que se nos torna



impossível sequer pronunciar “agora” sem que ele tenha escapado para um passado que *já não é*, ao mesmo tempo que só podemos antecipar um futuro que sempre *ainda não é*. Nesta base, *nada é* verdadeiramente no tempo, mas tão-só fora e para além dele, no que o platonismo de Agostinho de Hipona conclui que a vida é invivível a não ser como ilusão de tempo que só pode remeter para o presente eterno da experiência mística, ele sim verdadeiramente real na divindade. Judith faz é inverter esta conclusão, fazendo do instante vertigem eroticamente sôfrega de vida, intensidade, energia, ímpeto, tecnicamente mediados: “A vida de hoje reclama claridade, atividade, construção” (TEIXEIRA, 2015a, p. 262). Terminando com um apelo aos putativos ouvintes a que não adoeçam de saudade (TEIXEIRA, 2015a, p. 263) entregou-se Judith à vertigem enquanto pôde, ou enquanto lho permitiu o luso “medo de existir” filosófica e politicamente formalizado no “viver habitualmente” prescrito por Salazar, na crispação de resistir à vertigem da história que não conseguiu impedir de o devorar.



REFERÊNCIAS

- ALONSO, C. P.; SILVA, F. M. (Organização e estudos introdutórios), Judith Teixeira. Poesia e prosa. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015.
- CASCAIS, A. F. O topos do paganismo na crítica e na estética literária: Pessoa e Botto. In Teografias. N.º 3. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2013, p. 363-388.
- CASCAIS, F. Uma leitura queer da conferência “De Mim” de Judite Teixeira. In: SILVA, F. M.; RITA, A.; DAL FARRA, M. L.; VILELA, A. L.; OLIVEIRA, A. M. (orgs.). Judith Teixeira: Ensaio crítico. No centenário do Modernismo. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p. 85-115.
- GERRY, C. A prosa novelesca e propagandística de Judith Teixeira vista por seu tradutor. In: SILVA, F. M.; RITA, A.; DAL FARRA, M. L.; VILELA, A. L.; OLIVEIRA, A. M. (orgs.). Judith Teixeira: Ensaio crítico. No centenário do Modernismo. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p. 145-167.
- PESSOA, A. F. Escritos sobre génio e loucura. Edição crítica de Fernando Pessoa por Jerónimo Pizarro. Série Maior, vol. 7, t. 1. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- SILVA, F. M. O manuscrito Da Saudade. In: ALONSO, C. P.; SILVA, F. M. (Organização e estudos introdutórios), Judith Teixeira. Poesia e prosa. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015a, p. 253-254.
- SILVA, F. M. Judith Teixeira: Entre o modernismo e o feminismo. In: ALONSO, C. P.; SILVA, F. M. (Organização e estudos introdutórios), Judith Teixeira. Poesia e prosa. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015b, p. 267-276
- SILVA, F. M. A Saudade em Judith Teixeira. In: SILVA, F. M.; RITA, A.; DAL FARRA, M. L.; VILELA, A. L.; OLIVEIRA, A. M. (orgs.), Judith Teixeira: Ensaio crítico. No centenário do Modernismo. Viseu: Edições Esgotadas, 2017, p. 207-213.
- TEIXEIRA, J. Poemas. Organização de Maria Jorge e Luis Manuel Gaspar. Lisboa: & Etc., 1996.
- TEIXEIRA, J. Da saudade. In: ALONSO, C. P.; SILVA, F. M. (Organização e estudos introdutórios). Judith Teixeira. Poesia e prosa. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015a, p. 255-263
- TEIXEIRA, J. De Mim. In: ALONSO, C. P.; SILVA, F. M. (Organização e estudos introdutórios). Judith Teixeira. Poesia e prosa. Alfragide: Publicações Dom Quixote, 2015b, p. 279-296